

## **A visão de cidade em Carmen Portinho**

Thays Santos Hamad<sup>1</sup> e Ana Gabriela Godinho Lima<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Estudante de Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie.

<sup>2</sup>Arquiteta e Urbanista, Mestre em Estruturas Ambientais Urbanas (FAUUSP), Doutora em Educação (FEUSP).  
Professora e Pesquisadora: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie.  
Visiting Post Doctoral Researcher, University of Hertfordshire, United Kingdom.

<sup>1</sup>Rua Dr. Samuel de Castro Neves, 72 Apto. 82 CEP: 04726-240. São Paulo SP  
Telefones: 56410090 / 9478-7538. E-mail: thays.hamad@gmail.com

<sup>2</sup>Rua Itacolomi, 306 Apto. 501 CEP. 01239020. São Paulo SP  
Telefones: 35821001 / 92687162. E-mail: gabriela.lima@uol.com.br

## **A visão de cidade em Carmen Portinho**

### **Resumo**

Tomando como referência o conceito de Unidade de Vizinhança trazido de uma de suas viagens a Europa, Carmen Portinho mostrou uma inovadora visão de cidade ao exercer entre 1945 e 1958 o cargo de Diretora do Departamento de Habitação Popular do então Distrito Federal, Rio de Janeiro. Ao lado de Affonso Eduardo Reidy, foi responsável pela construção dos Conjuntos Habitacionais Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho) e da Marquês de São Vicente (Gávea), em que pôde aplicar soluções semelhantes às que a Inglaterra vinha adotando em áreas destruídas pela guerra. Estes conjuntos foram criados para abrigar funcionários municipais e permitir que estes dispusessem de fácil acesso ao trabalho. Ao mesmo tempo, possuíam a característica inovadora de pretenderem ser auto-suficientes e compreenderem além das habitações, serviços como, por exemplo, escolas, ginásio, assistência médica, pequenas mercearias, que deveriam ser colocados na vizinhança imediata das moradias. O Pedregulho acabou por se tornar uma obra internacionalmente consagrada pela expressão arquitetônica de Reidy, mas pouco se sabe ainda a respeito do trabalho realizado pela equipe do Departamento de Habitação Popular, sob direção da engenheira e urbanista Carmen Portinho. A definição do programa, a pesquisa detalhada de hábitos, condições e necessidades, a pesquisa sociológica, a participação nas definições do projeto e a administração das obras ficaram sob a batuta da engenheira. Até os dias de hoje, entretanto, seu trabalho e contribuição para a arquitetura e o urbanismo brasileiros não contam com o devido reconhecimento e divulgação. Neste contexto, este trabalho tem por objetivo refletir sobre a visão da cidade no trabalho de Carmen Portinho, aqui representada pela implementação de novos conceitos de habitação social no Brasil.

Palavras-chave: VISÃO DE CIDADE  
HABITAÇÃO SOCIAL  
CARMEN PORTINHO

## Introdução

A necessidade de se construir Conjuntos Habitacionais, até os dias de hoje, que visem acima de tudo, um novo tipo de estrutura social e que abranjam aspectos relativos não apenas às moradias, mas também à vida em comunidade, traz a tona a existência de uma obra que foi capaz de responder de maneira qualitativa a essas preocupações. O Conjunto Habitacional Prefeito Mendes de Moraes, o Pedregulho, é um relevante exemplo no Brasil de atuação de profissionais do ramo da construção civil em ações político-sociais. À frente da idealização deste complexo, esteve a engenheira e urbanista Carmen Portinho, que após estágio realizado na Europa em tempos de pós-guerra trouxe consigo o inovador conceito de Unidades de Vizinhança. Foi ela quem em 1945 assumiu a diretoria do Departamento de Habitação Popular (DHP) do então Distrito Federal, a cidade do Rio de Janeiro, introduzindo aos poucos no país uma nova visão de cidade adquirida por suas experiências e por seu olhar atento à cidade (NOBRE, 1999, p.42).

Ao Pedregulho Carmen dedicou grande parte de seu tempo, mostrou estar atenta às reais demandas. Para ela, era importante que os moradores do conjunto habitacional a ser construído já fossem moradores da região e que acima de tudo, trabalhassem no bairro Benfica e seus arredores, a fim de evitar desgastantes jornadas de trânsito e permitir que só utilizassem o veículo aqueles cuja alternativa diferente fosse inviável (PORTINHO, 1999, p.102-3).

Além da questão social envolvida no Pedregulho, existiu evidentemente, um reconhecimento da expressão arquitetônica do arquiteto Affonso Eduardo Reidy, cujas soluções propostas para o atendimento de um complexo programa foram cruciais para o bom funcionamento da obra. Reidy, seguindo os preceitos do francês Le Corbusier e adequando-os conforme necessário, às condições climáticas do Brasil, projetou a partir dos dados seguros coletados pelas assistentes do DHP, sob a batuta da engenheira, o mais significativo Conjunto Habitacional do país. Para ambos, era importante a definição do serviço público como obrigação estatal, devendo o Estado proporcionar além das moradias, toda a infra-estrutura mínima necessária para uma vida saudável. Desse modo, foram previstos equipamentos até então nunca testados, tal como a lavanderia mecânica coletiva, no terreno que fora destinado à implantação das quatro torres de apartamentos, sendo a principal delas uma edificação curvilínea de acordo com a irregularidade e acidentalidade do terreno concedido (REIDY, 2000, p.83-103).

Como já dito, Reidy baseou-se em dados coletados pelo DHP através do preenchimento de fichas cadastrais dos futuros moradores e visitas das assistentes sociais às casas em que moravam, geralmente na favela. A concessão destes apartamentos também representava uma grande inovação no que diz respeito à habitação social no Brasil, já que era terminantemente excluída a possibilidade de venda. Os apartamentos seriam alugados aos funcionários municipais, que teriam uma pequena

porção de seu salário descontada em folha de pagamento. A escolha de quem iria, de fato, fato morar no inovador conjunto habitacional, era feita através de criteriosa pesquisa e avaliação dos mais necessitados e desprovidos de recursos. Portanto, fica evidente a importância do trabalho de pesquisa e levantamento de dados por parte das assistentes sociais e até da própria Carmen Portinho para a concretização do Pedregulho (NOBRE, 1999, p.55-8).

O conjunto teve reconhecimento mundial no quesito expressão formal, mas ficou ofuscado o papel de Carmen para que o projeto saísse da prancheta. Ela era a pessoa engajada na política, era quem lidava com o temperamento e decisões dos políticos, aquela que corria atrás dos interesses dos outros, era ela até quem modificava e criticava o projeto de Reidy, adicionando importantes aspectos relativos ao uso das moradias e instalações, além de exercer funções diretamente ligadas ao pós-ocupação do conjunto (LIMA, 2002, p.122-9). Para esta ilustre engenheira, o principal papel de seu DHP na vida dos moradores do Pedregulho era ensinar; tanto as crianças quanto os adultos deveriam ser estimulados a aprender a conviver em comunidade, a lidar com as questões de higiene, saneamento, e a absorver as facilidades trazidas pela Arquitetura Moderna. Desse modo, surgiram com o passar de gerações, pessoas mais cultas e capazes de valorizar o patrimônio público (NOBRE, 1999, p.55-7).

Engajada em todas estas questões sociais e relativas ao coletivo, não visando de forma alguma o bem estar unicamente individual, Carmen Portinho se revelou uma visionária de uma nova sociedade, em que a cultura e a educação predominam e levam à evolução. Entretanto, poucos são os manuais de Arquitetura que reconhecem a importância de toda uma vida de trabalho dedicada ao desenvolvimento da arquitetura e do urbanismo no contexto de cidade, e acabam por atribuir todas as qualidades e inovações do Pedregulho ao arquiteto Affonso Eduardo Reidy (LIMA, 2002, p.122-9).

### **O aspecto de inovação do Pedregulho sob os princípios sociais de Carmen Portinho**

Após acompanhar de perto as medidas que vinham sendo tomadas pela Inglaterra para a reconstrução, muitas vezes por completo, de cidades atingidas pela destruição da guerra, Carmen Portinho pôde absorver e introduzir aqui no Brasil o conceito de Unidades de Vizinhança, que consiste no desenvolvimento de conjuntos habitacionais com a característica de serem auto-suficientes. Foi esse conhecimento inovador e até então desconhecido no país, que permitiu à engenheira assumir a direção do Departamento de Habitação Popular do então Distrito Federal. O demasiado número de favelas em crescimento na cidade do Rio de Janeiro e a preocupação por parte da Prefeitura em erradicá-las, contribuiu para que os ideais propostos por Carmen estivessem mais próximos de se tornar realidade e logo se mostrassem uma alternativa viável e eficiente de moradia para a população de baixa renda. A idéia era transformar o desenho urbano e social de cada

bairro da cidade a partir da implantação de um conjunto residencial destinado aos funcionários que trabalhavam nas proximidades, a fim de evitar longas jornadas de deslocamento e de certa forma, colaborar para a redução de veículos nas ruas, segundo os princípios estabelecidos por seu amigo e ícone da Arquitetura Moderna, o arquiteto Le Corbusier (NOBRE, 1999, p. 42-5).

O primeiro projeto do Departamento de Habitação Popular foi o Conjunto Habitacional Prefeito Mendes de Moraes, o Pedregulho, do arquiteto Affonso Eduardo Reidy, desenvolvido entre os anos de 1947 e 1958. Pensado a fim de abrigar os funcionários municipais que residiam no bairro de Benfica e arredores, foi pioneiro na aplicação dos conceitos de Unidade de Vizinhança, em que se tem além do programa de habitações, toda uma infra-estrutura criada a fim de atender, por direito, aos seus moradores. Desse modo, ao percorrer o Pedregulho notamos a presença da escola em local de destaque, como coração do conjunto - incluindo desde os maternais até a escola básica – além do comércio intitulado diário, aqui representado por uma pequena mercearia e uma lavanderia com os mais modernos equipamentos mecânicos da época. Ainda foi implantado um posto de saúde, já que a maior parte dos moradores não dispunha de recursos para freqüentar hospitais que não fossem os públicos, e aí se percebe mais uma vez a preocupação do Departamento e principalmente de sua diretora, em se atingir um nível de habitação popular ainda raro no país. Um ponto fundamental para Carmen era a definição de espaço público, isto é, se tratava de uma obrigação do governo proporcionar melhores condições de vida à população de baixa renda e esses apartamentos deveriam, portanto, ser oferecidos a partir de uma pesquisa criteriosa para com os moradores das proximidades. Era afinal, a diretora do Departamento de Habitação Popular quem se recusava a vender os apartamentos por meio de seleções sem justificativa, como alguns faziam em seu lugar. Os apartamentos seriam concedidos aos funcionários municipais após um minucioso estudo da engenheira e das assistentes sociais, por meio de aluguel descontado da folha de pagamento. Essa foi uma medida polêmica e quase fez com que Carmen fosse demitida por “praticar o comunismo”, não fosse uma carta do cônego Távora ao Secretário da Viação, Marques Porto desmentindo tal acusação (PORTINHO, 1999, p.98-111).

Existiu ainda, para a engenheira, um aspecto caracterizado por Ana Luiza Nobre “promocional” no Conjunto Habitacional do Pedregulho, isto é, tornar a obra mundialmente reconhecida seria um preceito para a aceitação nacional deste novo conceito de moradia. E por conta do rico trabalho realizado não apenas por Reidy em sua expressão arquitetônica, mas também pelo minucioso trabalho do DHP, o conjunto acabou por ser elogiado por artistas como o suíço Max Bill, o qual já havia tecido duras críticas ao país anteriormente, e por arquitetos cujo trabalho servia de exemplo para a maioria dos arquitetos interessados nos princípios do Modernismo, como Le Corbusier. Ainda em depoimento à autora, Carmen Portinho declara: “Isso chamou a atenção de nossos administradores, porque nos projetou internacionalmente. Ninguém faz milagres dentro de casa”

(1999:55). Além do caráter de aceitação nacional, o reconhecimento do Pedregulho como expressiva solução projetual para habitações destinadas à população de menor renda, se mostrou um grande estímulo à construção civil pelo DHP, fazendo surgir projetos ainda maiores como o Conjunto Habitacional Marquês de São Vicente (Gávea). Infelizmente por questões políticas e econômicas, nenhum dos conjuntos teve seu projeto completamente realizado, embora o Conjunto da Gávea tenha sido mais prejudicado nesse aspecto, tendo sido concluído apenas o edifício de curva graciosa. No caso do Pedregulho, o que não saiu do papel foi a creche e um dos edifícios residenciais, o único que seria equipado com um elevador por apresentar altura mais elevada, contando com doze pavimentos.

Não são poucos os relatos de Carmen Portinho com relação às dificuldades pelo Departamento de Habitação Popular encontradas em se obter verba para a realização de obras ainda tão inovadoras no país e de aceitação restrita (NOBRE, 1999, p. 55-6).

### **O aspecto de inovação do Pedregulho sob a estratégia projetual de Affonso Eduardo Reidy**

Assim como Carmen Portinho, Affonso Eduardo Reidy esteve muito ligados às questões sociais incluídas na idealização do Conjunto Habitacional Prefeito Mendes de Moraes, o Pedregulho, e como consequência disso foi incumbido da tarefa de chefe da parte de Arquitetura do DHP. No entanto, até por conta de sua personalidade mais retraída não estava engajado com as questões políticas, esteve na maior parte do tempo dedicado ao atendimento ao programa estabelecido para o projeto (LIMA, 2002, p. 124-5) - que como ele mesmo afirma em depoimento a Nabil Bonduki em *Affonso Eduardo Reidy* (2000, p.83-4), foi criteriosamente elaborado pelo Departamento de Habitação Popular sob direção de sua companheira de longa data.

Para a implantação do Conjunto Habitacional foi concedido ao DHP um terreno de formato bastante irregular marcado por curvas de nível que acentuavam sua acidentalidade, contando com um desnível de aproximadamente cinquenta metros. Em *Tempos de Pedregulho* (in: Portinho, 1999, p.105) a engenheira justifica a forma sinuosa do edifício principal que compõe o conjunto e sua relação com o lote apresentado a Reidy, e a importância da obra para o reconhecimento internacional do arquiteto:

*“Pedregulho foi construído numa área de 52.242 m<sup>2</sup>, numa topografia acidentada e apresentando uma diferença de nível de cerca de 50 (cinquenta) metros. Compreende, além das habitações, os serviços comuns que devem ser colocados na vizinhança imediata das*

*moradias, escolas maternas, jardins de infância, escola primária, ginásio, piscina, centro de saúde, lavanderia mecânica, pequeno mercado e clube.*

*Aproveitando as linhas acidentadas do terreno, o imponente volume do Conjunto Habitacional Pedregulho encontra-se equilibrado com a flexibilidade do desenho. As curvas do prédio principal respondem às curvas da encosta, segundo uma dialética formal, realçando sobremaneira as suas linhas. Foi a primeira grande obra de Reidy, na qual ele impôs, como excelente arquiteto que era, a característica de buscar soluções integradas que atendessem ao ponto de vista social. Foi o primeiro conjunto construído no Brasil com uma visão de programa e concebido atendendo às possibilidades formais do concreto armado” (1999:105).*

Reidy reafirma a questão da escola como sendo uma das partes cruciais do projeto, como o coração irradiador da cultura a todos os moradores do conjunto, de modo que embora se tratassem de escolas básicas de educação infantil, tivessem uma influência direta nas gerações futuras que ali residiriam. Através da interação criança-família ocorreria uma troca de conhecimento tremenda e dessa forma ocorria uma evolução para um patamar de população mais culta e a par desde noções básicas de higiene pessoal, até lições mais abrangentes como a questão de respeito ao próximo para um melhor convívio em sociedade. Esses conceitos relacionados aos aspectos sociais influenciaram radicalmente na arquitetura do edifício escolar. Assim como em uma escola tipicamente moderna, Reidy aplica os conceitos de uma versatilidade maior na disposição do mobiliário das chamadas “salas de classe”, possibilitando uma maior integração entre o aluno e o professor. Além disso, como é típico do moderno existem grandes áreas ao ar livre gerando uma integração também entre o espaço de estudo e o exterior, em que em dias em que o clima permite se transformam em amplos terraços em que são também realizadas aulas, apresentando característica similar às escolas de Richard Neutra nesse aspecto. As salas de aula, onde haveria obviamente um tempo de permanência muito maior do que nas áreas de circulação, foram voltadas para a fachada sul enquanto que os corredores foram voltados para a fachada norte, sendo protegidos por elementos que barram parte da insolação, colaborando para as questões de conforto térmico (REIDY, 2000, p.84-6).

Reidy e Carmen Portinho talvez tenham se tornado companheiros por sua maneira similar de pensar as questões sociais. A questão da escola ser colocada no coração do Pedregulho traz mais uma justificativa, baseada no conceito de Unidades de Vizinhança: era de certa relevância para ambos que as crianças estivessem livres de qualquer tipo de perigo, isto é, deveriam estar protegidas ao máximo no interior do conjunto habitacional, sem correr o risco de terem sua circulação cruzada com a de veículos. Dentre um dos motivos que levou o arquiteto a separar totalmente a circulação de carros e de pedestres, estava a questão de assegurar que nenhum pedestre seja ele criança ou não,

corresse o risco de ser atropelado, além é claro de possibilitar um maior desfrute de todo o complexo como um todo (REIDY, 2000, p.87).

A expressão arquitetônica de Reidy e a sua preocupação em atender a um programa complexo que aliava questões políticas e sociais além de arquitetura e urbanismo, permitiram ao arquiteto ao lado da enérgica engenheira e urbanista Carmen Portinho e do DHP, atingir uma qualidade excepcional em sua obra tendo sido o Conjunto Pedregulho premiado na I Bienal Internacional de São Paulo, no ano de 1951 e reconhecido mundialmente por personalidades como Max Bill e Le Corbusier. Tendo sido este último de grande relevância para o desenvolvimento do projeto do Pedregulho, através da difusão do conceito de Unidade de Vizinhança e dos cinco pontos fundamentais da Arquitetura Moderna. Ao ser indagada por Hugo Segawa, em entrevista à Revista Projeto Design (1988), sobre a influência do francês no trabalho de seu companheiro Carmen explica que Reidy seguiu parte dos princípios de Le Corbusier, no entanto criando alternativas como forma de adaptá-los às condições naturais e geográficas do Rio de Janeiro, bem diferentes das da Europa, obviamente. Por se tratar de país de clima tropical, o arquiteto teria de criar medidas a fim de proteger os moradores da intensa insolação e fazer aberturas capazes de gerar a ventilação cruzada, a fim de garantir o conforto térmico. Em resposta, Reidy fez uso de elementos vazados, venezianas de madeira e brisé-soleil, como componentes da fachada, além das grandes áreas sombreadas alcançadas pela elevação dos edifícios sobre pilotis (REIDY, 2000, p.87).

### **A visão social presente no Pedregulho**

A ênfase no aspecto social é visível no projeto do Pedregulho e pode ser atribuída ao engajamento de Carmen Portinho e de sua equipe de assistentes sociais em criteriosos levantamentos referentes às condições de moradia existentes e ao perfil dos futuros moradores. A adoção de um partido idealizador baseado no conceito de Unidades de Vizinhança, veio ao encontro das necessidades encontradas pelo Departamento de Habitação Popular, e à preocupação em oferecer qualidade de vida aos moradores, a fim de assegurar que não perdessem tempo, dinheiro e nem saúde nas longas jornadas de deslocamento presentes nas cidades em processo de desenvolvimento, como era o caso do então Distrito Federal (NOBRE, 1999, p.42-5).

A pesquisa envolvia detalhes como o nome, a idade, o estado civil, o número de filhos e a partir destes dados um cálculo da renda total da família. Após o preenchimento das fichas era então feita uma visita pelas assistentes sociais à residência do entrevistado, a fim de verificar os dados fornecidos. Deste modo, a distribuição dos apartamentos era determinada de maneira minuciosa, sendo escolhidas as famílias mais necessitadas e contribuindo para que, aos poucos, ocorresse o desenvolvimento do programa de necessidades para a posterior realização do projeto por Reidy.

Yves Bruand faz uma declaração bastante fiel com relação à coleta de dados e o trabalho social envolvido no projeto, embora não faça menção a Carmen Portinho e muito menos às assistentes sociais:

*“(...) a idéia inicial de construir, num terreno do Departamento de Água e Esgotos, situado no bairro de Pedregulho, um conjunto de alojamentos e serviços anexos, destinados aos funcionários municipais, surgiu em 1947, mas o programa definitivo só foi estabelecido depois de um recenseamento dos futuros hábitos e uma pesquisa detalhada sobre suas condições de vida e necessidades. A pesquisa sociológica foi bem ampla, e permitiu que Reidy se baseasse em dados seguros, que orientaram com precisão a definição do projeto e a utilização do local: a escolha dos edifícios, o número e composição respectiva dos apartamentos de que era preciso dispor foram decididos em função de critérios objetivos, que deviam levar a uma impecável realização de ordem social, onde o arquiteto não se contentava em projetar e construir; ele intervinha na vida futura do grupo, visando a fazê-lo progredir” (2002:225).*

O papel das assistentes sociais não se limitou às questões relativas à distribuição dos apartamentos, mas todas àquelas que de alguma forma influenciavam na vida em sociedade, isto é, eram responsáveis por promover a adequação de cada morador ao conjunto, ajudar as famílias a encontrar soluções para seus problemas econômico-sociais, colaborar com a administração do conjunto, colher reclamações e sugestões e procurar adequá-las ao funcionamento do Pedregulho, manter as fichas de cadastro das famílias atualizadas e por fim, programar um informativo para os novos moradores. No entanto, embora essas pudessem parecer as principais incumbências das assistentes sociais, para Carmen Portinho o seu papel mais importante era ligado à pedagogia e ao ensino, no sentido de estimular a convivência entre as famílias através do uso dos equipamentos de uso comunitário, através da passagem de informações básicas com relação às questões de higiene pessoal, saúde e por fim, explicar qual era a maneira correta de se utilizar as facilidades que Moderno oferecia. Neste novo conceito de moradia, tudo deveria ser ensinado a fim de permitir um uso mais eficiente e confortável dos benefícios trazidos pela Arquitetura Moderna tão bem aplicada e desenvolvida pelo casal junto ao DHP (NOBRE, 1999, p.55-8).

## **Considerações finais**

Existiram dois aspectos de inovação no projeto do Pedregulho, que podem ser associados às personalidades de Carmen Portinho e Affonso Eduardo Reidy. À Carmen ficaram incumbidas as

tarefas relacionadas à administração, a idealização e o acompanhamento às obras, e ao arquiteto coube dar expressão formal e materializar o conjunto a fim de atender ao programa de necessidades. Existe uma lógica no discurso da engenheira e isso mostra que seu trabalho envolvia também um sentido pedagógico, isto é, para ela era possível que gerações futuras residentes no conjunto tivesse um nível de alfabetização maior e, em parte por conta da interação entre as crianças e a família (NOBRE, 1999, p.55-8). Assim como Carmen, Reidy também apostava nessa proposta já que noções básicas de higiene pessoal e de cidadania eram absorvidas na escola e aplicadas em casa, de modo a ensinar os integrantes da família as que desconheciam (REIDY, 2000, p.84-7). Portanto, além do trabalho das assistentes sociais de ensinamento de como usufruir das facilidades da Arquitetura Moderna existia uma política de estímulo à vida comunitária. Hoje em dia, a parte do conjunto Pedregulho que se encontra em melhor estado de conservação é justamente a escola básica, de onde saem crianças com uma responsabilidade social mais desenvolvida (NOBRE, 1999, p.61-2).

Estes conceitos de comprometimento social mostram o quanto Carmen possuía ideais avançados, e reflete a visão de cidade por ela muito bem aplicada em conjuntos habitacionais realizados sob a batuta do DHP, como é o caso do Pedregulho, o que acabou por receber mais prestígio e reconhecimento. Por sua experiência na Inglaterra e em países europeus no período do pós-guerra, e por seu contato com o trabalho de Le Corbusier, além de contar com um olhar apurado para as questões sociais, é que a engenheira e urbanista desenvolveu o tato e habilidade para trazer melhores condições de vida aos moradores do Benfica, bairro menos abastado do Rio de Janeiro, através da construção de um projeto que visava a auto-suficiência, isto é, ali seria possível tratar dos assuntos e serviços mais emergenciais sem que fosse necessário se submeter a longas jornadas de tráfego (PORTINHO, 1999, p.103).

Embora o trabalho de Carmen Portinho seja, até os dias de hoje, pouco reconhecido perante os principais manuais de arquitetura utilizados, ícones do Movimento Moderno a tinham como uma verdadeira idealizadora de projetos com uma sensível e apurada visão de cidade. Termino as considerações finais, portanto, com um depoimento do “pai” da Arquitetura Moderna no Brasil, Lúcio Costa em seu livro *Registro de uma vivência*, prestando merecida homenagem aos dois responsáveis pela concretização do inovador Conjunto Habitacional Pedregulho:

*“(...) Este empreendimento singular – pois não se enquadra, por seu programa social ou sua feição artística nem muito menos pela persistência requerida para garantir-lhe continuidade, nos moldes habituais de planejar e fazer – se deve a duas pessoas cujo trato bem-humorado, cortês e discreto não trai, à primeira vista, as reservas de paixão, de fibra, de engenho e de malícia de quem tem sabido dar prova, durante anos a fio, a fim de assegurar, nos altos e baixos das*

*sucessivas administrações indiferentes ou hostis, a sobrevivência da obra encetada: Carmen Portinho, administradora que idealizou e conduziu nos mínimos detalhes o empreendimento – inclusive ensinando a morar - e Affonso Eduardo Reidy que concebeu arquitetonicamente o conjunto e o realizou, ambos assistidos por um corpo técnico dedicado e capaz.*

*Poderá parecer ilógico que numa cidade onde o problema da habitação de padrão popular é premente, a municipalidade se dê ao luxo de construir um conjunto residencial com as características do Pedregulho. E de fato este só se fez em função daquelas duas personalidades, pois logicamente não deveria existir. Logicamente, os dinheiros ali empregados estariam diluídos noutros programas de alcance limitado sem que a tal diluição houvesse alterado no seu conjunto, de forma mínima que fosse, o quadro geral da situação em que vive o grosso da população (...)" (1995:203).*

## **Referências Bibliográficas**

BRUAND, Yves. Arquitetura Contemporânea no Brasil. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991. p.223-233.

COSTA, Lúcio. Lúcio Costa – Registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. p.203-204.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. Revendo a História da Arquitetura: Uma Perspectiva Feminista. São Paul: Tese de Doutorado apresentada à FEUSP, 2002. p.122-129.

NOBRE, Ana Luiza. Carmen Portinho: o moderno em construção. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 1999. p.42-62.

PORTINHO, Carmen. Entrevista a Hugo Segawa. In: Revista Projeto&Design (nº 111), 1988. p.115-120.

PORTINHO, Carmen. Por Toda a Minha Vida, Depoimento a Geraldo Edson de Andrade. Rio de Janeiro: Editora EdUERJ, 1999. p.99-111.

REIDY, Affonso Eduardo, Depoimento a Carmen Portinho e Nabil Bonduki. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 2000. p.83-103.